

## Sobre a Linha do Equador

“O paraíso existe, e afinal não é preciso morreremos para o visitar”

Elisabete Azevedo-Harman

## Capitulo 1

Lisboa- São Tomé, 6 de dezembro de 2013

O avião sobrevoava o deserto do Saara, e Ema apreciava pela janela do avião aquela imensidão de areia, imaginando que povos habitariam ali, em que condições viveriam e quais seriam os seus hábitos. Tinha certeza, que os filmes a que tinha assistido sobre povos nómadas, não lhes fariam justiça. Esses filmes, não eram mais do que ficção romanceada, para agradar a um público curioso e faminto de novidades ilusórias.

Infelizmente pela segunda vez na sua vida tinha deixado a sua casa, a sua família e a sua zona de conforto, para trabalhar num país estrangeiro. O seu filho, no último ano de curso, as contas da casa para pagar, e a falta de oportunidades de trabalho em Portugal, empurravam-na a ir trabalhar de novo no exterior.

Tinha conseguido aquela oportunidade num site de empregos e após a entrevista pessoal, que teve lugar no centro de Lisboa, tinha sido selecionada para rumar a São Tomé e Príncipe. Tentava imaginar como seriam aquelas ilhas do golfo da Guiné, mesmo tendo feito pesquisas no Google; previamente ao dia do inicio da

sua viagem; não conseguia visualizar com realismo o que a esperava.

“Senhores passageiros, fala-vos o comandante Francisco Gomes, comandante do voo TP1349 com destino ao aeroporto de São Tomé, estamos a cerca de 30.000 pés de altitude, neste preciso momento sobrevoamos o continente africano, mais propriamente a zona do deserto do Saara, à velocidade de 850 km por hora, e contamos aterrar no aeroporto em São Tomé dentro de quatro horas, às catorze horas e cinquenta minutos, hora local. Convidamo-los a disfrutar da viagem e em caso de necessidade, não hesitem em recorrer ao nosso pessoal de assistência de bordo. Tenham uma excelente viagem!”. Logo que a voz se calou, e apenas era perceptível o som das conversas dos passageiros e dos tripulantes, bem como o barulho dos motores, Ema deixou-se embalar de novo nos seus pensamentos, revendo mentalmente o que tinha acontecido nos últimos meses, forçando-a a enveredar por um rumo com destino a África.

## Capítulo 2

Lisboa, 18 de setembro de 2013

Ema tinha de reconhecer que era péssima a escolher os seus companheiros. Aos vinte anos tinha casado com um homem com quem namorara desde os dezasseis anos, com quem tivera dois filhos, e que eram a única coisa que tinha valido a pena nesse casamento.

Divorciara-se em janeiro de 2007, vinte anos depois do dia do seu casamento, vinte anos que perdera ao lado de uma pessoa que jamais lhe dera valor.

No ano seguinte voltara a casar, tinha a certeza que casara com a pessoa certa para si. No entanto, os traumas que guardava, a “pesada bagagem emocional” que carregava consigo, as feridas que ainda não tinham cicatrizado, levaram-na a desistir do casamento dois anos depois. Hoje sabia que tinha cometido um erro, deveria ter tentado ser mais compreensiva e perdoadora. Deveria ter percebido melhor a pessoa com quem tinha casado. Deveria..., mas a vida não era construída de “ses”!

Sentiu-se completamente perdida durante os dois anos seguintes aos do seu segundo divórcio, esteve mentalmente perturbada e sem rumo. Sentiu-se duplamente falhada.

Até que no ano anterior, conheceu alguém que lhe parecia ser a pessoa que poderia acompanhá-la no resto dos seus dias. Tinham histórias de vida similares, sofrido ambos grandes desapontamentos junto das pessoas a quem tinham escolhido para companheiros. No entanto, essa pessoa tinha sido a maior desilusão e o maior dos enganos que tinha vivido. Há menos de um mês, tinha descoberto que a pessoa que pensava conhecer jamais existira. Traíra a sua confiança e expusera-a ao ridículo. Não queria pensar no que lera ou no que descobrira, mas sempre que a sua mente insistia em recordar o que recém vivera, crescia uma revolta dentro dela, e a explosão de dor dentro do peito culminava num mar de lágrimas.

Desde o ano 2009 que não conseguia encontrar um trabalho estável, buscava tudo, até oportunidades no estrangeiro, tinha uma casa para governar, um filho a estudar, já arrendara o seu próprio quarto para conseguir um rendimento extra, financeiramente estava a “ficar falida”, e não poderia continuar a viver assim.

No mês anterior tinha respondido a um anúncio para trabalhar em São Tomé e tinha sido selecionada, mas os trâmites necessários

para entrar no país africano como trabalhadora residente, eram complicados e demorados de tratar junto das autoridades Santomenses.

Por um lado, queria partir, queria fugir de uma relação que só lhe provocava dor, por outro lado já se tinha visto numa situação idêntica dez anos antes, e que resultou em ficar sozinha num país distante. Manuel, seu marido e pai de seus filhos, havia-a abandonado lá após a ter convencido que iria ao seu encontro. Agora Dinis, que tanto lhe mentira, provavelmente faria o mesmo após ela partir.

### Capitulo 3

Lisboa, 01 de dezembro de 2013

Estava tudo resolvido e pronto para a sua partida. Deixava o seu filho João, ao corrente do que ela esperava dele em relação aos pagamentos da casa, e confiava que ele trataria das coisas como se ela estivesse presente, como ela própria o faria. Deixara o congelador cheio de comida para o filho, deixara todos os contactos e números de conta necessários para João poder

satisfazer os pagamentos e cumprir com as responsabilidades mensais.

Foi ao banco para que este iniciasse as transferências periódicas mensais para Daniel, um amigo que lhe comprara o carro em nome dele e, a quem já estava a dever uns meses de prestações. Fizera as contas, e em poucos meses colocaria em dia os pagamentos em atraso.

Dinis tinha pedido uma segunda oportunidade, garantira-lhe que iria voltar a ser um homem decente e que iria ficar na retaguarda, dando apoio ao seu filho João em tudo o que ele necessitasse. Ema tinha decidido dar-lhe essa oportunidade, consciente que talvez nunca mais voltasse a confiar totalmente nele.

No mês anterior tinha informado a sua hóspede, Carolina, da sua partida para São Tomé, a fim de cumprir um contrato inicial de seis meses de trabalho.

- Se a Ema vai partir, devo começar a procurar onde ir viver após a sua partida? – perguntou Carolina, quando a informou que ia trabalhar no estrangeiro.

Carolina vivia em casa de Ema há dois anos, e Ema nunca tencionara colocá-la fora da sua casa. Confiava nela e por isso respondeu:

- Não Carolina, a menos que queira sair daqui, não contava que se mudasse! Até é bom que a casa fique ocupada, o João chega a casa ao final do dia de escola e, vocês dois dão-se bem. Ele ficará instruído sobre como pagar as contas da casa, a Carolina continuará a pagar a renda do quarto como sempre fez, ou seja, por transferência bancária para a minha conta – respondeu Ema – além disso, sei que ele irá ficar longos períodos em casa da namorada dele, e esta casa ficará vazia.

- Obrigada por confiar em mim! – disse Carolina

- Senão confiasse, já lhe tinha pedido para procurar outra casa para viver – disse Ema suspirando

- E Dinis? – perguntou Carolina, que conhecia a profundidade da desilusão que Ema sentia.

- Dinis fica na sua vida de sempre, e veremos se a distância o torna um homem melhor ou mais decente. De contrário, seguirei a minha vida sem ele – disse Ema determinada

Agora foi a vez de Carolina suspirar e dizer:

-Há homens que não sabem valorizar a mulher que têm a seu lado, não lhe dão o valor que deveriam, e trocam-na por mulheres fáceis.

- Que lhe sirvam de bom proveito, cada um tem o que merece, talvez ele mereça esse tipo de mulheres. O que eu sei é que não merecia ter sido tratada assim – respondeu Ema magoada.

- Isso não, com toda a certeza! A Ema é uma mulher decente, sossegada, e não merecia ser enganada desse jeito – disse a hóspede de Ema.

- Decidi dar-lhe uma segunda, ou melhor, neste momento já é uma terceira oportunidade. Sei que não concordas comigo, e achas que o deveria ter chutado sem cerimónias, mas com a idade que tenho, aprendi que há erros que embora pareçam imperdoáveis, devemos ter a bondade e o altruísmo suficientes, para estender a mão ao pecador. Como disse Jesus: “Perdoar, não apenas sete vezes, mas setenta e sete vezes” – disse Ema, pensativa

- Isso é demasiado altruísmo para mim – respondeu Carolina – eu não o perdoaria, não tenho o seu estômago para ser trocada por autênticas “azeiteiras”.

Ema não se conteve e riu, acabando por contagiar Carolina.

Ema sabia que valia muito mais, e era muito superior àquelas mulheres. Se Dinis, não o tinha percebido, azar o dele!

## Capítulo 4

S. Tomé, 06 de dezembro de 2013

A tarde já ia adiantada quando aterraram no aeroporto de São Tomé. Quando as portas do avião se abriram, entrou uma lufada de ar tão quente vinda do exterior, que Ema se sentiu como se tivesse aterrado num outro planeta. Era um calor tropical tão contrastante com o frio que se fazia sentir em Lisboa, quando partira de Portugal nessa manhã, que Ema se sentiu indisposta.

O controle de passaportes foi moroso e fatigante, e quando finalmente recolheu a sua mala, dirigiu-se ao exterior, deparando-se com uma pequena multidão, ansiosa e tumultuosa, esperando por aqueles que tinham vindo de Lisboa, no mesmo voo que Ema.

Não vendo ninguém que ela pudesse subentender que estivesse à sua espera. Ema deslocou-se com a sua mala até junto de uma parede exterior do aeroporto, e ficou a observar como as pessoas se reuniam à volta de familiares e amigos, a quem recebiam calorosamente entre beijos e abraços. Miúdos, alguns pequenitos outros já adolescentes, deambulavam sem rumo entre os viajantes e familiares, à espera de receber umas moedas em troca de levar uma mala. fazer outra tarefa semelhante ou,

simplesmente mendigavam aos recém-chegados que lhes parecessem mais abastados.

Durante esse período, o olhar de Ema desviou-se para o seu lado, onde um homem alto, de pele muito clara, com um ar britânico e uma mulher mais pequena, morena e de idade aproximada à de Ema, olhavam expectantes para a entrada do aeroporto, de onde iam saindo passageiros quase a conta gotas. Começou a prestar atenção ao que diziam um ao outro, apercebendo-se que para além de serem portugueses como ela, esperavam uma mulher vinda de Lisboa. O sexto sentido de Ema, alertou-a de que talvez fossem estes os seus novos colegas de trabalho, que tinham vindo recebê-la ao aeroporto. Tocando no braço do homem, que logo que sentiu o seu toque no braço dele a olhou atentamente, disse:

- Desculpem, eu sou Ema Sousa. Por acaso os senhores não estarão à minha espera?

Olharam um para o outro, entre confusos e divertidos, e a mulher respondeu:

- Por acaso estamos! – e rindo apresentou-se – Eu sou Ana Martins e este é o Cristiano Loureiro, o seu colega que chegou há quinze dias e com quem irá partilhar a casa.

Feitas as apresentações, dirigiram-se à viatura de Ana e entre perguntas sobre a viagem e sobre o atraso que tinham sofrido os

seu papeis junto das autoridades santomenses, partiram em direção à capital.

- Eu já cá estou há quinze dias – disse Cristiano sorrindo para Ema – mas parece que houve problemas com os seus papéis, não foi?

- Sim, imagine que se enganaram a digitar o meu apelido, em vez de Soares Sousa, colocaram Sousa Soares, e por isso teve que se reformular todo o processo. Voltou tudo ao início! – respondeu

- Pois, eu já estava a achar esquisito porque éramos para ter vindo juntos – disse o senhor que deveria ter perto de sessenta anos – eu venho para dar apoio à assistência técnica.

Ana que até então tinha estado em silêncio, concentrada na condução em direção à cidade, disse:

- Estes pretos são mesmo burros, enganarem-se a digitar um nome que era só copiar dos documentos, francamente!

Ema sentiu-se incomodada com a reação da mulher, não esperava aquele preconceito colonialista e ultrapassado. Olhou para Cristiano em silêncio, e o olhar dele disse-lhe que tampouco ele pactuava com aquele tipo de ideias. Ema constrangida, continuou a conversa, como se Ana nada tivesse dito:

- Creio que venho, segundo o que Dr Paulo Cardoso me disse na entrevista; para gerir os stocks, dar apoio à assistência Técnica, e apoiar a Ana no trabalho administrativo.

- Foi isso que ele disse? Segunda Feira veremos! – disse Ana, duma forma que não agradou a Ema. Sabia que Ana e o marido Marcelo, dirigiam a empresa em São Tomé, eram assim como que “gerentes” da empresa portuguesa, era isso que o Dr Paulo Cardoso lhe tinha dito.

- Eu trago comigo apenas cem euros, acham que chega até ao final do mês? – perguntou Ema – é que não faço ideia do custo de vida aqui.

- Isso não vai chegar para nada! – disse Ana

- Ooh – respondeu Ema contristada, tinha juntado tudo o que conseguira, e parece que não era nada.

- Não te preocupes! Segunda Feira, eu irei fazer um adiantamento sobre o teu salário do mês de dezembro, para que te aguentes até ao final do mês – disse Ana que pela primeira vez tinha dito algo positivo e simpático.

- A casa que conseguimos arrendar para os dois, não foi fácil de conseguir. Aqui em São Tomé não há casas para arrendar, o Dr Paulo deveria saber isso! – disse Ana com azedume – Eu e Marcelo corremos tudo, e quase nas vésperas de Cristiano chegar, é que conseguimos fechar negócio. A casa fica dentro de um terreno em que existem mais duas casas, uma da dona da casa e outra da mãe

dela. São Santomenses, mas lá conseguimos! A vossa casa é a da frente. – disse Ana calando-se de seguida.

Na meia hora que já passara desde que se tinham conhecido, Ema percebeu tratar-se de uma pessoa preconceituosa, negativa, e que lhe parecia ter excessivo “poder” dentro da empresa ou no negócio, o que a tornava ligeiramente prepotente.

- A casa é paga pela empresa, certo? O Dr. Paulo disse que a empresa dava cento e cinquenta euros a cada um para ajudar nos gastos com a renda! – perguntou Ema, já temendo que Ana desdisse tudo o que o dono da empresa acordara com ela.

Olhou para Cristiano que assentiu com a cabeça em concordância com ela. Ana disse:

- Claro porque é que achas que foi tão difícil de arranjar-vos casa? Encontrar uma casa por trezentos euros, é quase missão impossível nesta ilha. - disse Ana, continuando- mas os gastos de luz, água e gás, têm que dividir pelos dois. Ah!... e também o salário da empregada!

- Empregada? Mas eu não preciso de empregada, aliás tinha-o deixado bem claro na entrevista. Se nunca tive empregadas em Portugal, é descabido vir para aqui e ter criada, o que ganho é para sustentar a minha casa em Portugal e pagar os estudos de meu

filho, não posso dar-me ao luxo de gastar dinheiro a pagar a uma empregada – disse Ema já revoltada pela ingerência no seu salário.

- Depois se vê! – disse Ana com crueza – eu tenho empregada, não tenho tempo nem pachorra para lavar, passar e cozinhar todos os dias, aliás só temos uma hora para almoçar! A comida tem de estar pronta na mesa, para comermos e voltarmos logo ao trabalho. Embora a minha empregada cozinhe mal que se farta, nem para fazer comida prestam!

- A minha comida tem estado boa! – disse Cristiano humilde.

- Ah claro! A vossa empregada, é a empregada do Dr Paulo quando este vem a São Tomé. Essa sim, cozinha bem! -disse Ana

Ema permaneceu em silêncio, desejando chegar à casa que iria ser a sua até junho do próximo ano, para poder ver como na realidade era o lugar em que habitaria e sobre o qual. tanto havia imaginado desde que tivera a entrevista de trabalho em agosto último.

## Capitulo 5

S. Tomé, 07 de dezembro de 2013

Ema não esperava encontrar um palácio, mas tinha ficado decepcionada, cada um tinha o seu quarto frente a frente, mas teriam de partilhar o WC, e isso desagradara-lhe. Eram colegas de trabalho e não parentes, e havia na casa, ainda um terceiro quarto para um outro elemento do sexo masculino, que contavam se iria juntar a eles muito em breve.

Tinha ligado a Dinis e tinha chorado ao telefone, sentia saudades dolorosas de casa. Trazia um tablet mas teria de comprar uma pen para ter internet. Sentia-se enganada, nada do que lhe prometeram se estava a concretizar, mas Cristiano era um homem calmo e ponderado, emprestara-lhe o telefone para ela ligar para Portugal.

- Amanhã também te irão dar um telemóvel de serviço. - disse ele. Agora vou mostrar-te onde podes comprar pão e outros mantimentos. Hoje, Maria, a empregada, não vem porque é Domingo, teremos de nos desenrascar sozinhos – acrescentou.

Ema sentia-se ter recuado à sua infância, tudo era velho ou antiquado desde as louças sanitárias até à cozinha. Ela observava tudo com alguma tristeza, até que ouviu alguém chamar do jardim pelo seu nome. Era Cristiano que a chamava para a apresentar à Senhora D. Esperança, a senhoria deles.

Depois das apresentações, em que Ema se sentiu calorosamente acolhida, voltaram para casa e Ema não resistiu em comentar com Cristiano em voz baixa, para que não a escutassem do exterior da casa:

- Como é que a Ana fala tão depreciativamente das pessoas que vivem aqui no país? Ela é que é a estrangeira, ela é que deveria estar grata por viver e por ter o que tem aqui, não é assim? Fiquei chocada com a forma como ela se dirige e fala destas pessoas, esta terra é a delas, e não a nossa! Eles é que têm o direito de viver aqui, nós não estamos cá para sermos “servidos” por eles. Será que eu é que estou errada? – disse Ema aborrecida.

- Você está certa! Vai assistir no futuro a muita coisa deste tipo, o Marcelo ainda é pior que ela, tratam o pessoal da empresa muito mal!

- Verdade? -disse Ema incrédula – Só porque eles têm a pele escura e nós não? Mas em que século é que eles os dois vivem? – explodiu Ema.

- Eu nasci em Moçambique – disse ele – nessa altura, ainda era uma colónia de Portugal. Vim para Portugal em criança, aquando da independência do país. Tal como a Ema, não entendo esta maneira deles verem as coisas.

Sentados à mesa do jantar, ainda conversaram sobre o que nas respetivas entrevistas, lhes tinham prometido e compararam os pormenores, trocando informações para terem um quadro completo do que os esperava. Se estivessem unidos, não se sentiriam tão sozinhos.

Não havia televisão na casa, por isso recolheram cada um ao seu quarto. Cristiano ainda iria falar com a esposa via Skype, mas Ema ficaria deitada no silêncio do quarto olhando o teto, imaginando o que estariam fazendo aqueles que amava e que tinham ficado em Portugal.

Era menos uma hora em São Tomé, e o movimento que vinha da rua era ensurdecador. A janela do quarto ficava muito perto da rua, e o movimento começava às quatro da manhã e estendia-se até às dez da noite. Amanhecia muito cedo ali junto à linha do Equador, e Ema estranhava o barulho dos carros, e das vozes das pessoas a passarem continuamente junto aos muros da propriedade.

Teria de levantar-se às seis e meia para poder usar o WC, fosse antes ou depois de Cristiano o usar. Tinham de comer o pequeno

almoço, e às sete da manhã, Ana e Marcelo estariam ao portão para irem todos juntos para a empresa. Entravam ao serviço às sete e meia da manhã e apostava que já estariam quase trinta graus a essa hora, pensando tudo isso Ema acabou por adormecer.

## Capitulo 6

S. Tomé, 08 de dezembro de 2013

Ema e Cristiano já se encontravam há alguns minutos na rua frente ao portão da casa quando viram o carro de Ana que se aproximava, ao lado dela vinha um homem, com aspeto ligeiramente mais novo do que ela. Ema calculou que seria Marcelo.

- Já estão à espera há muito tempo? – perguntou Ana, voltando-se ligeiramente enquanto Cristiano e Ema se sentavam atrás.

- Não, chegámos há pouco tempo! – respondeu Cristiano

- Apresento-te a Ema Sousa – disse ela voltando-se para o homem a seu lado – vem como secretária administrativa, para nos ajudar no escritório.

- Prazer em conhecê-la Ema, eu sou Marcelo, trabalho na área de design – disse apertando-lhe a mão.

- Prazer em conhecê-lo também – respondeu Ema, remetendo-se ao silêncio.

- Então, gostou da casa? – perguntou Ana, repetindo o que já havia dito anteriormente – Vimo-nos aflitos para a conseguir! – acrescentou olhando Marcelo com cumplicidade, obtendo de imediato a concordância dele.

- Tudo bem! - disse Ema

- Aqui na ilha não há oferta de casas, é muito difícil arranjar algo decente para arrendar. Nós por exemplo, foi uma sorte conseguirmos casa em Água Arroz – disse Marcelo, complementando assim as afirmações da mulher

-É longe daqui? – perguntou Ema, consciente que se dissessem ser perto ou longe seria igual, uma vez que ela desconhecia de todo aquele local.

- É uns quilómetros mais à frente, mas nós temos o carro. Tentámos que vocês ficassem aqui por Água Grande, uma vez que a empresa é aqui perto, e se necessitarem poderão ir e vir caminhando. Agora de manhã não vale a pena porque já que passamos aqui à porta, levamo-los connosco – acrescentou Marcelo.

- Eu sei que há aqui, uns apartamentos para arrendar por quinhentos euros mensais – disse Ema com humildade, uma vez que se tinha documentado antes de vir para o país. Tinha trazido o nome da imobiliária consigo, mas já não disse mais nada perante a atitude de Ana, que rindo alto em tom de troça, disse:

- Isso é que era bom! Se houvesse, nós já lá viveríamos! – olhou para Marcelo que riu também como se Ema tivesse contado uma piada.

Ema ficou em silêncio, com a certeza que aqueles indivíduos seriam sempre negativistas, como se “torcessem” para que os seus compatriotas não conseguissem ter aquilo que eles não conseguiam obter.

Nessa manhã ficou a conhecer os colegas, eram todos santomenses, receberam-na uns com mais simpatia do que outros. Havia alguma desconfiança em relação àquela mulher branca vinda de Portugal. O tempo mostrou a Ema, quais eram os motivos deles para terem aquela atitude reservada para com ela.

Era uma da tarde quando Ana se levantou da secretária, dizendo que ia almoçar. Cristiano fez sinal a Ema para que os seguissem, e a viagem que tinham feito nessa manhã repetiu-se, só que em sentido contrário.

-Às 13 e 45 estamos aqui – disse Ana para Cristiano e Ema, enquanto estes saiam do carro.

Maria já tinha a comida sobre a mesa, tudo pronto para eles comerem rapidamente. Agora Ema percebia porque queriam ter empregadas, não daria tempo para virem a casa, cozinharem e voltarem a tempo de entrar ao serviço às 14 horas.

Maria já se tinha apresentado a Ema pela manhã ao pequeno almoço, e Ema tinha gostado dela, era uma mulher jovem, bonita e desembaraçada. Era recatada e não falava demais, pelo contrário, era bastante comedida. Ema tinha-lhe dito que não se preocupasse com a roupa dela, se Cristiano queria que ela lhe lavasse a roupa, isso era com ele, mas Ema lavaria a sua roupa no final de semana, no tanque que havia no jardim. Percebeu que as mulheres brancas por ali, nada faziam em casa, e que ela com a sua independência causava alguma estranheza na mulher. “Era o que me faltava, ser uma sinhá, como nos romances!”, pensava Ema.

Sentados à mesa, e enquanto comiam rapidamente, Ema abordou com Cristiano o assunto da casa.

- Na boca da Ana e do Marcelo, nós nunca vamos conseguir nada! Se temos casa, deve-se a eles, dizem que posso conduzir com a carta de condução portuguesa, mas que nunca deixe que a policia a apreenda, senão não a verei mais.

Ema de sobrolho franzido respondeu:

- Então simplesmente não conduza, não tem que fazer nada só porque eles lhe dizem para fazer. Se lhe apreenderem a carta, quer-me parecer que eles não o ajudarão a recuperá-la!

- Ah isso é certo. Já viu a conversa deles esta manhã no escritório, temos que ir rapidamente tratar do cartão de contribuinte e da restante documentação para a nossa legalização. Vou arranjar uma lista do que temos de fazer e porque ordem. Quer que tire uma cópia para si?

- Agradeço-lhe Cristiano, parece que temos uma grande tarefa à nossa frente, e estas pessoas que estão no comando da empresa, em vez de nos ajudarem ou orientarem, sentem gozo em nos mencionarem as dificuldades que teremos que enfrentar. A propósito, não deveria ser a empresa a tratar da nossa legalização? Não foram eles que nos trouxeram para cá? O Dr. Paulo disse que teríamos de ser nós a legalizarmo-nos? Não me recordo de o haver mencionado! – disse Ema

- A mim tampouco, fui apanhado de surpresa, afinal pagaram apenas a passagem aérea, a permissão de entrada no país, mas se quisermos ficar temos de nos legalizar à nossa conta...e parece que não é nada barato – respondeu o colega